

---

## Deixa Ela Fotografar: Os Desafios da Mulher no Fotojornalismo Esportivo – O Caso Maurícia da Matta<sup>1</sup>

Débora Larissa Alves Dourado Macedo<sup>2</sup>  
Rostand de Albuquerque Melo<sup>3</sup>

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

### Resumo

A presença feminina ganhou destaque em programas esportivos, mulheres apresentam, comentam, realizam matérias e estão à frente de programas esportivos na TV. Com maior visibilidade, acentuaram-se também os preconceitos, o assédio e os tabus a serem transpostos. O presente artigo apresenta o caso da Fotojornalista Esportiva Maurícia da Matta, que atua no Esporte Clube Vitória. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas gravadas e material audiovisual de eventos em que ela foi palestrante no período de setembro de 2017 a maio de 2018. É relevante para a comunidade acadêmica, em especial a feminina, tratar das dificuldades da sua inserção e analisar a sua trajetória em um ambiente hostil, mostrando a importância de conquistar lugar em um espaço de domínio masculino, podendo viabilizar debates e ampliar o campo de atuação da mulher.

**Palavras-chave:** Fotojornalismo; gênero, imprensa; esportes, mulher.

### Apresentação

A imprensa esportiva ainda é dominada pelo universo masculino, no entanto, temos percebido a crescente participação feminina nos estádios, seja na arquibancada, na arbitragem, no departamento médico ou como jornalista esportiva. A inserção da figura feminina no âmbito desportivo se dá de modo sutil e quase velado, não se fala, não se comenta, ela simplesmente está lá, realizando o seu trabalho de maneira competente, respaldada com conhecimento e sendo protagonista de uma nova história que não está sendo documentada, senão superficialmente no dia a dia do três.

Recentemente, durante o mês de março de 2018 o Instagram, Facebook e Twitter foram contagiados com a *hashtag* #DeixaElaTrabalhar, onde mulheres, jornalistas do esporte, repercutiram o que acontece cotidianamente em coberturas realizadas nas torcidas durante jogos de futebol: homens que assediam e que muitas vezes tentam beijá-las diante das câmeras sem importar-se com nenhuma represália. Nos comentários das

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Junior do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de Julho de 2018.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 2º período do Curso de Jornalismo da UEPB, e-mail: [delaporela@gmail.com](mailto:delaporela@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Doutor em Ciências Sociais, professor do Curso de Jornalismo da UEPB, e-mail: [rostandmelo@gmail.com](mailto:rostandmelo@gmail.com)

postagens que surgiram em defesa dessas profissionais, muitos homens afirmavam que as mulheres em questão só estavam reclamando, em outras palavras, por tratarem-se de homens comuns, que se fossem jogadores famosos tendo a mesma atitude, elas não estariam ofendidas. Outros, disseram que as mulheres que se envolvem na cobertura esportiva estão à procura mesmo de serem assediadas. A maioria absoluta dos comentários tiveram base machista, condenando a mulher pela escolha da profissão, como se socialmente ela estivesse na hora e no local errado, embora tenha estudado e se profissionalizado para estar ali.

A dificuldade de introduzir mulheres no trabalho em campo no jornalismo esportivo é frequente. Ainda que contratações sejam realizadas por grandes emissoras de TV, a mulher raramente entra em campo com a mesma autonomia do homem. Seu conhecimento e sua capacidade são sempre questionados antes de serem validados. É comum testemunharmos perguntas como: “Dormiu com quem pra estar aí?”, e a clássica: “Sabe o que é um impedimento?”. Mérito profissional é última opção em meio a uma série de alternativas.

É necessário compreender os aspectos críticos de ser mulher e estar realizando um trabalho tão perto das quatro linhas para que possamos incutir na sociedade a cultura do respeito e a consciência de que gênero não é um fator relevante para a realização do trabalho de fotojornalista esportiva. Também é importante, sob perspectiva de que incentiva a profissional a construir sua trajetória profissional no espaço em que melhor se identificar, quebrando barreiras e expandindo a área de atuação.

Dessa maneira, problematizar e analisar a mulher no fotojornalismo esportivo sob a perspectiva de alguém que está dentro de campo traz um olhar verdadeiro e “nu” sobre os bastidores da imprensa feminina esportiva. Conhecer, discutir e analisar este processo de inserção é continuar documentando a história de lutas e conquistas da mulher e legitimar seu espaço, abrindo caminho para uma área de atuação onde possa soar bem correr como uma menina, dirigir como menina, fotografar como menina.

O interesse pelo tema surge em uma experiência pessoal, quando durante o trabalho em um clube de futebol, vivenciei a experiência de ser assediada de modo brutal por dirigentes, atletas e comissão técnica, precisando desligar o telefone por não querer correr o risco de ser impedida de trabalhar, caso tratasse a pessoa errada com aspereza. Não obstante, um colega de profissão pergunta: “E aí, veio fotografar ou arrumar um jogador?”.

---

O presente artigo tem como objeto de estudo a Fotojornalista Maurícia da Matta, mulher, negra, que há 4 anos atua no cenário do fotojornalismo esportivo e tem em seu caminho profissional histórias de preconceito e desafios que foram driblados pela sua resistência e luta diária. A coleta de dados realizada através de entrevistas com a profissional, bem como a análise do material audiovisual da sua participação em eventos que tratavam da participação da mulher no jornalismo esportivo, evidenciaram o machismo escancarado ao qual as mulheres que optam por profissões de maioria masculina estão exposta todos os dias. A figura feminina no âmbito desportivo, portanto, precisa antes de qualquer coisa ser percebida e interpretada como alguém que se capacitou profissionalmente para estar ali, no exercício da sua função, conquistando autonomia e habilidade para protagonizar o seu trabalho de maneira inquestionável e irrefutável.

### **Dominação masculina e o movimento feminista**

O feminismo no Brasil teve sua origem nas classes médias e influenciou outras classes através de análise do seu comportamento sexual e padrões de reprodução, ganhando força a partir da década de 60, quando a mulher começou a utilizar métodos anticoncepcionais, tornando sexualidade algo que não resultaria em maternidade. Mesmo para as mais adeptas e defensoras, ainda era algo que trazia um sentimento de culpa em uma parcela dessas mulheres, por isso começou-se a utilizar a psicanálise com o intuito de compreender seus sentimentos com relação a si mesma, fazendo com que encurtasse sua jornada de inserção no mercado de trabalho e na educação superior, uma vez que não precisariam estar em casa cuidando dos filhos e das tarefas de casa.

O ano Internacional da Mulher de 1975 foi considerado o marco que fomentou a mobilização de mulheres no Brasil. Este ano, decretado pela Organização das Nações Unidas (ONU), tornou-se peculiar uma vez que fundamentou as justificativas para a organização e a discussão das mulheres frente à sua especialização em diversos setores profissionais.

Bourdieu (2012) trata a questão da “dominação masculina” principalmente sob uma ótica figurativa. Para ele, a dominação masculina seria uma maneira peculiar de violência simbólica, através da qual se estabelece e se mantém um poder que está velado nas relações, que se infiltra no nosso pensamento e na nossa concepção de mundo.

---

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitats: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade(...) (BOURDIEU, 2012, p. 45)

Além disso, Bourdieu (2012) enfatiza que essas condições e percepções “invisíveis” nos ajudam a formar nossas ideias e pensamentos chegam até nós de maneira impensada, ou seja, através do censo comum. Quando pensamos que exercemos a liberdade de ter opinião formada sobre tal assunto, não levamos em consideração que esse “livre pensamento” está impregnado de interesses próprios, preconceitos ensinados pela sociedade e opinião de terceiros. Para ele, uma relação desigual de poder comporta uma aceitação dos grupos dominados, não sendo necessariamente uma aceitação consciente e deliberada, mas principalmente de dominação pré-reflexiva.

De acordo com Koshiyama (2007) os registros históricos não permitiam um olhar sobre as mulheres sem vê-las engajadas apenas no espaço privado, levando a sociedade a permitir a inexistência da autonomia feminina e contribuindo para enxergá-las como seres sem identidade própria, defendendo a ideia de que ela apenas complementa o homem – Eva, costela de Adão. Assim, podemos dizer que a ONU contribuiu com a evolução das questões de gênero e possibilitou um olhar diferenciado para as mulheres, no que diz respeito ao seu papel e seu desenvolvimento social e econômico.

Bourdieu (2012) explica esses espaços privados definindo campos como espaços sociais estruturados, que caracterizam-se como um lugar social de lutas, disputas e concorrência entre os dominantes - detentores de poder de determinado campo – diante dos seus dominados que tentam se estabelecer nessa estrutura a partir da utilização de estratégias que lhe possibilitassem ter acesso aos objetos de interesse e as posições diferentes e legítimas do campo em questão:

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha

---

em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997, p.57).

Podemos perceber na análise dos fatos históricos que as mulheres por muito tempo não tiveram um lugar onde pudessem exercer seus poderes, seus conhecimentos e ser dona de suas ações, a não ser a própria casa. Elas ficavam distantes das principais decisões do país, decisões de poder, e acima de tudo não participavam das decisões que lhe diziam respeito, não tinham direito ao voto, à escolha da maternidade, da contracepção ou mesmo de oportunidade de emprego e de profissionalização.

Segundo Koshiyama (2007), atualmente as mulheres estão presentes no mercado de trabalho e nos diversos papéis sociais desenvolvidos pela comunidade. Apesar da discriminação vivenciada na década de 60 no Brasil, e apesar dos homens muitas vezes ignorarem os processos de mudança que estavam ocorrendo no país, a Constituição de 1988, reiterou o reconhecimento da importância de equiparar a classe trabalhista sem que houvesse diferenciação entre homens e mulheres, além de dizer no artigo 5º que “todos são iguais perante a lei”. A partir daí, as questões de gênero abrangem contexto global quanto ao reconhecimento da mulher, seus direitos e seu papel social e econômico.

### **A questão da diferenciação dos gêneros**

Ainda de acordo com Koshiyama (2007), primeiramente as mulheres ficavam em setores considerados pelos homens de pouca importância e influência; nos dias atuais, existe a possibilidade dos dois gêneros ocuparem as mesmas funções e cargos, ainda que saibamos que alguns órgãos ainda diferenciam a questão salarial de segundo o gênero. É possível perceber então que o elo entre o homem e a mulher era assinalado pela delimitação de espaço consentindo ou não na presença de todos. Desse modo, o espaço pretendido e adquirido pelas mulheres, antes acompanhadas dos homens e recentemente sozinhas, demonstrava uma concordância de alguns membros da sociedade em favor da busca de direitos para elas. É importante, portanto, ver em que condições sociais, salariais e morais as mulheres realizam seu trabalho.

Através de relatos da autora, comparado à outras categorias de trabalho, no jornalismo as mulheres passam por situações tensas e por várias dificuldades ligadas diretamente à questão de gênero. Isto porque ainda existe a diferenciação entre homens e mulheres, apesar de todas as lutas. Podemos confirmar isto pela pesquisa de Bocchini e

---

Reimão (2006), que relata que as mulheres são inferiorizadas diariamente de maneiras diferentes, como, por exemplo, na forma em que são vistas e tratadas na sua casa ou no espaço social.

Hoje as disputas não são por espaço físico – público ou privado –, as dificuldades do gênero feminino são a inserção igualitária no mercado de trabalho, não apenas no âmbito salarial, que também é importante pois reflete a sua importância na área em que atua, mas no respeito, no reconhecimento, na legitimidade do trabalho realizado, conferindo igualdade de gênero no campo profissional. Atualmente existem mulheres em profissões que não eram vistas no passado, como motoristas de ônibus e caminhão, engenheiras, agrônomas, juízas. Portanto, pode-se observar que há um desenvolvimento na luta de gêneros e que, embora vários obstáculos tenham sido colocados ao longo do tempo, as mulheres continuam mostrando sua capacidade, seu empenho e sua desenvoltura em todas as áreas de conhecimento.

Em outras palavras Bourdieu reafirma:

As mulheres, façam o que fizerem, estão, assim, condenadas a dar provas de sua malignidade e a justificar a volta às proibições e ao preconceito que lhes atribui uma essência maléfica — segundo a lógica, obviamente trágica, que quer que a realidade social que produz a dominação venha muitas vezes a confirmar as representações que ela invoca a seu favor, para se exercer e se justificar. (BOURDIEU, 2012, p. 44)

Na pesquisa elaborada por Biroli et al (2008), vemos uma aparição menor de mulheres em relação aos homens, no que se refere às suas aparições na mídia, indicando um desequilíbrio de gênero na compreensão do mundo social difundido pela mídia. Para eles convém apontar que as barreiras para admissão e sucesso das mulheres não estão limitadas apenas àquelas de trabalho. A mulher sempre assumiu o compromisso de cuidar da família, do espaço familiar e do cuidado com os filhos, o que dificultou sua adaptação em cargos que exigem, por exemplo, flexibilidade de horários. Desta forma, se a mulher assumir um cargo desse porte, gera um desconforto e dilema familiar que não existe para o homem.

No campo do Jornalismo Esportivo, Mota (2013), corrobora que a mulher não está completamente inserida no espaço esportivo. O número de homens continua sendo predominante nas redações quando o assunto é esporte. Mesmo sendo âncoras, raramente

---

uma mulher é vista narrando, comentando um jogo e argumentando de forma ampla algum tema esportivo. No fotojornalismo relacionado à cobertura das partidas de futebol, também percebemos um número mínimo de participação mulheres realizando esse papel. Assim, admiti-se o preconceito do trabalho exercido pela mulher na área esportiva.

### **Jornalismo esportivo no Brasil**

O futebol e os esportes olímpicos têm sido cada vez mais presentes no dia a dia do brasileiro, tanto pela torcida quanto pelo mercado de trabalho. Dos menores campeonatos aos principais eventos esportivos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, muito além da apresentação reproduzida, existe um trabalho diário de jornalistas nos bastidores, coletando dados, veiculando informações e transmitindo histórias. Segundo Silveira (2009), esse conjunto de atividades e procedimentos da imprensa é denominado jornalismo esportivo de fato.

De acordo com Amaral (1978), as competições esportivas passaram a participar dos jornais impressos de modo tardio, pois era tida como uma editoria que possuía pouco valor, por isso não ocupava tanto espaço. Segundo o autor, apenas em 1922 os grandes jornais brasileiros puderam expor, por exemplo, fotos de lances de futebol na primeira página. É importante ressaltar, no entanto, que tal fato se deu por consequência da escassa tecnologia dos equipamentos fotográficos da época. Isso não muda, porém, a notável falta de prestígio dos primeiros jornalistas esportivos, que hoje podem ser considerados como uma característica da época e não como desinteresse do jornalista a respeito do tema.

Borelli (2002), ao estudar o jornalismo no contexto esportivo nos propõe lembrar da sua particularidade relacionada às regras e individualidade do próprio jornalismo, bem como os elementos da área esportiva que possui formas de sistematizar, cobrir, abordar e julgar o esporte nas variadas mídias. O autor afirma ainda que esse tipo de jornalismo é movido pelo inesperado, tendo característica factual.

Atualmente, o esporte tem se tornado um tema bastante abrangente, seja na televisão, rádio ou impressos. O esporte está inserido em capas de jornais, revistas, em pequenas edições de jornais estaduais televisivos, em programas esportivos de maior duração, em canais do YouTube pensados especialmente para informar sobre esporte e as diversas vertentes que podem ser abordadas através dele, sejam elas de teor crítico, humorístico ou apenas obedecendo critérios de noticiabilidade. É uma editoria que a cada

---

dia tem se desenvolvido e se reinventado, resultando na ocupação de mais espaço na mídia em geral, o que podemos considerar como facilitador da inserção da mulher nesse espaço.

### **Atuação da mulher no jornalismo esportivo**

De acordo com Subtil (2000), o aparecimento das mulheres no jornalismo aconteceu de modo simultâneo à chegada delas em massa em algumas cargos de profissionais liberais como: advocacia, medicina, magistratura, engenharia entre outras. Este fato teve início no fim dos anos 1970, uma vez que até então, o comparecimento das mulheres nestas profissões acontecia raramente e o mercado de trabalho era protagonizado pelos homens.

Para Santos (2009), no entanto, a imagem da mulher continua sendo moldada pelas estruturas de comunicação de massa, uma vez que representam o homem como o personagem principal e, portanto, de maior importância no organismo social. Embora sua colocação não esteja equivocada, é necessário reafirmar que a mulher está empenhada no seu crescimento e que mesmo que o sexo determine as oportunidades de trabalho e de vida, ela batalha pelas suas conquistas dia a dia.

A imprensa feminina, embora pouco estudada nos cursos de Jornalismo no Brasil, seja enquanto processo de produção, seja enquanto análise das publicações que a constituem, é um dos assuntos mais estimulantes para pesquisa, devido às articulações sociais, econômicas e culturais que estão implícitas em sua estruturação. (...) Perceber o que ela representa no mundo atual, jamais resumindo-a a receitas culinárias e contos de amor. No espelho da imprensa feminina as imagens e as verdades são muitas. (BUITONI, 1990, p. 5)

Bocchini e Reimão (2006), complementam a ideia afirmando que os meios de comunicação acabam produzindo e reproduzindo ações que geralmente beneficiam e favorecem um ambiente de discriminação e intolerância, quando as mulheres são desrespeitadas. Os autores declaram ainda que a mulher passa por discriminação quando, por exemplo, se dedica ao trabalho e é competente, mas não consegue se inserir igualmente em profissões cujo domínio é masculino.

## Caso Maurícia da Matta

Fotojornalista esportiva há 4 anos, Relações Públicas pela Universidade Estadual da Bahia e acadêmica em Letras Estrangeiras pela Universidade Federal da Bahia, Maurícia da Matta, 29, precisou enfrentar um árduo caminho até que fosse contratada por um clube de Futebol e mesmo que inserida no mercado de trabalho, enfrenta no seu cotidiano preconceitos, rotulações, assédio moral e sexual. O início da vida profissional no esporte teve início com uma agência de Assessoria de Comunicação e ganhou destaque a partir da contratação do atacante Kieza, hoje no Botafogo. Posteriormente passou a fotografar para o site redball e cobria os jogos das categorias de base de forma particular.

Hoje, como fotógrafa do Vitória, tem suas fotos veiculadas nos principais veículos nacionais e baianos.



Figura 1 - Correio 24h | 05.05.2018  
Fonte: Site Correio24h



Figura 2 - Correio 24h | 05.05.2018  
Fonte: Site Correio 24h



Figura 3 - Esporte Interativo | 07.05.2018  
Fonte: Site Esporte Interativo



Figura 4 - Globo Esporte | 09.01.2018  
Fonte: Site Globo Esporte

Do seu arquivo pessoal, a fotógrafa apresenta uma das suas matérias preferidas: “Gostei dessas fotos da ação ‘Natal do Biel’ que fizemos com Murilo, jogador do

Universo Vitória, e fomos em algumas instituições que acolhem crianças em situação de vulnerabilidade social, foi muito emocionante fotografar aqueles momentos”.



Figura 5 - Correio 24h |



Figura 6 - Campanha publicitaria institucional 2018

A coleta de dados foi realizada através de: análise de material audiovisual de eventos sobre a atuação das mulheres no jornalismo esportivo, onde a fotógrafa foi palestrante, pesquisa de observação com diário de campo durante o mês de fevereiro, e finalizou com entrevista realizada por chamada de vídeo em 20 de abril de 2018.

Em determinado momento da entrevista realizada com a fotojornalista, a mesma relata um episódio até então desconhecido por todos os seus amigos e colegas de profissão, tal episódio revela uma das faces sórdidas que pode ter os bastidores do jornalismo esportivo feminino:

No meu primeiro dia de trabalho cheguei na Arena Fonte Nova para fotografar um jogo do Bahia, e um dos colegas que atua na área há muito tempo apertou minha bunda como se fosse a buzina do Chacrinha, três vezes. Senti nojo, repulsa, vergonha, mas por ser meu primeiro dia não quis compartilhar o ocorrido, nem com o meu chefe e nem com os meus colegas, não queria dar à minha presença um peso ainda maior, não queria que as pessoas me olhassem e falassem do fato o tempo inteiro. Hoje teria feito diferente, mas é uma autonomia que só conquisei depois de passar por vários episódios semelhantes, mas nenhum tão fisicamente constrangedor.

Maurícia afirma ainda que o seu trabalho foi questionado no momento em que pisou em campo, quando a maioria dos fotógrafos homens, foram cumprimenta-la com o objetivo final de saber qual o veículo que a credenciou, e sua legitimidade para estar ali, querendo ter certeza de que ela não estava ali com objetivo pessoal de se aproximar de jogador e/ou tomar o lugar dos que já estão ali.

---

O presidente da ARFOC/BA, Roque Leônidas, foi uma peça fundamental no meu processo de entrada no fotojornalismo esportivo. Ele foi diversas vezes questionado sobre a minha presença em campo, ocasiões em que faziam pouco caso do equipamento limitado que eu usava e questionavam também se eu não tinha ‘pego’ alguém, para justificar a minha presença em campo.

Diante da fala da fotojornalista percebemos a importância de ter personagens que sirvam de instrumentos facilitadores do ingresso da profissional mulher em campo, fazendo com que as práticas machistas sejam, aos poucos, minimizadas. Percebemos não só a barreira de fotojornalistas que sentem seu espaço invadido, como o machismo escancarado e sem pudor de personagens que veem na mulher em campo uma figura que precisou usar méritos não profissionais para estar presente nesse campo de atuação.

Depois de dois anos atuando nos jogos de futebol credenciada por sites de notícias, um *freelancer* na Copa São Paulo de Futebol Junior oportunizou uma proposta do Esporte Clube Vitória para que Maurícia fosse a fotógrafa oficial do clube, mas os desafios a serem enfrentados não terminaram com a sua contratação, se fazendo necessária a intervenção de outros profissionais para que a sua presença fosse aceita.

Meus primeiros dias são sempre emblemáticos. Era o meu primeiro dia de trabalho no clube e percebi uma movimentação estranha, um olhar meio de lado por parte do treinador. Depois de vê-lo com o assessor de imprensa do clube, fui convidada a fotografar o treino de um mirante destinado à imprensa nos 15 minutos de treino aberto. Fiquei perplexa e constrangida, sem entender o que estava acontecendo, pois conhecia a rotina e sabia que o fotógrafo do clube trabalhava no campo, fazendo os registros fotográficos no gramado. Só depois de dois dias soube que tinha sido uma solicitação do treinador, que afirmou não querer mulher em campo e precisou ser convencido de que minha presença era ‘tranquila’.

Mesmo quando sua presença foi aceita, Maurícia afirma que trabalhava em uma constante tensão, pois temia frequentemente ser chamada atenção por parte do treinador, visto que era comum que ele gritasse diante de todos quando tinha uma reclamação a fazer. Tal comportamento fazia com que ela tivesse medo até mesmo de transitar no campo, fazendo toda a volta ao campo a cada vez que precisava ir para o outro lado do gramado.

---

A entrevista nos permite ainda saber que a oportunidade de trabalho surgiu em um momento em que o departamento de marketing do Vitória passa a ser gerido por uma mulher, podendo confirmar através do fato, a necessidade de mulheres em cargos importantes para que mais mulheres sejam contratadas em setores da comunicação onde a ausência feminina é frequente.

Quando o treinador que quase vetou sua presença foi substituído, surge um novo desafio: ser aceita pelo novo treinador, que pediu que sua frequência no campo fosse diminuída. No entanto, a passagem deste novo treinador foi rápida, trazendo um novo momento para a fotojornalista, com a chegada de Vagner Mancini.

A chegada de Mancini tornou meu trabalho mais leve. Hoje eu não preciso dar a volta fora do campo para transitar durante o exercício das minhas atividades. Houve um episódio que me marcou, meu equipamento caiu e quebrou e ele chamou toda a equipe e pediu que fosse feita uma vaquinha pra que eu pudesse adquirir um novo equipamento, o que me possibilitou melhorar meu equipamento de uma Canon T3 para uma Canon T7i.

A entrevista nos permite perceber a gratidão da profissional com relação a Mancini, no entanto, sem em nenhum momento se refutar a isso, Maurícia confessa esperar pelo dia em que não vai precisar agradecer por alguém deixa-la realizar o seu trabalho.

Eu sei que não é uma coisa que eu precisasse agradecer, mas diante de tudo o que eu passei no decorrer do ano eu precisava mesmo agradecer, mas não é algo que eu queira fazer todos os anos, agradecer por deixarem eu fazer meu trabalho. As pessoas precisam respeitar o trabalho um do outro, mas naquele momento era importante pra mim agradecer, foi difícil chegar até ali.

Em etapa final da entrevista, Maurícia afirma que espera que as pessoas, entendam, como Mancini compreende, que não é necessário que ela agradeça, mas que as pessoas precisam entender como legítimo o seu trabalho, afinal, não vemos homens fotógrafos precisando agradecer pela sua oportunidade de atuação.

### **Considerações Finais**

Embora já tenham algum espaço, ainda é pouco frequente a presença de mulheres nas redações esportivas, há poucas mulheres protagonistas do noticiário esportivo, há

---

poucas mulheres por trás das lentes fotográficas, principalmente na mídia impressa, berço histórico dessa área do jornalismo. A imprensa brasileira, formada por veículos esportivos como o jornal O Lance! ou por veículos de circulação nacional, como Folha de São Paulo, não parece fugir a este modelo. Podemos perceber a invisibilidade da mulher na prática do jornalismo esportivo, e principalmente as dificuldades que as mulheres que conseguiram ingressar neste mercado enfrentam para terem lugar de fala neste espaço. Podemos concluir também que a imprensa brasileira, além de ouvir poucas fontes, praticamente ignora as mulheres, pois o senso comum estabelece que tendo uma mulher e um homem para falar de esporte, o homem é sempre a figura mais indicada.

Muito já foi conquistado no campo das relações de gênero, no entanto, se a prática discursiva, sobretudo a jornalística com seu estatuto de verdade, permanece reafirmando que os papéis sejam atribuídos de modo diferenciados de acordo com o gênero representado - e neste caso negativamente -, de homens e mulheres, entendemos que a luta pela igualdade de gênero perde força e se torna mais complexa, uma vez que ainda que discurso não seja implícito ao comportamento, ele tem grande peso e participação nas construções sociais e culturais dos lugares onde vivemos.

Podemos perceber ainda que os desafios da mulher no fotojornalismo esportivo não param quando as mesmas são inseridas no mercado de trabalho, pelo contrário, o processo de aceitação posterior à sua contratação é tão árduo quanto o processo enfrentado até ali, fazendo com que muitas cicatrizes sejam carregadas nessa jornada, passando por assédios frequentes e questionamentos que não cessam. Tal fato se evidencia quando percebemos que mesmo contratada pelo clube, Maurícia foi impedida de realizar seu trabalho ao lado do gramado pelo simples fato de ser mulher, e se confirma quando com a troca do treinador foi sugerido que ela só fizesse o registro fotográfico em dias específicos da semana.

Não é objetivo deste artigo afirmar que os jornalistas à frente de coberturas esportivas ou que os jornais de maneira geral tenham como posição ideológica características sexistas ou que atribuem tarefas menores às mulheres com pautas esportivas de maneira propositada. No entanto, como visto anteriormente, tanto isso pode ocorrer devido ao modo como a comunicação de massa é reproduzida, como pode ser fruto das próprias rotinas jornalísticas que em geral são aprendidas de modo sistemático e pouco questionadas, seguindo linhas editoriais no dia a dia.

É fundamental retificar, no entanto, que a prática jornalista cotidiana deve ocorrer fundamentada na escuta cuidadosa da mulher, afinal, durante a construção do presente artigo, na fase de coleta de dados em campo, presenciei dias em que Maurícia foi mais arrumada que em outros dias e ouviu piadas a respeito da sua produção, do tipo “Hoje tem?”, ou “Tá de olho de quem aqui, me diga logo”. Portanto, só quem vivencia essas experiências pode falar com propriedade sobre o assunto.

A reflexão sobre os possíveis alcances da mensagem que esteja intrinsecamente relacionada à importância do discurso jornalístico sobre a vida cotidiana, tornando possível mudar rotinas machistas baseadas na diferenciação de gênero, podendo ser fator fundamental para contestar antigos hábitos culturais e padrões sociais considerados normais ou naturais. O que se reivindica em favor da mulher que atua no fotojornalismo esportivo, no entanto, é que se compreenda que o gênero não define a habilidade profissional de um indivíduo, por isso, consideramos importante continuar analisando não só a presença, mas principalmente a ausência da mulher como profissional ativa nos campos de futebol, nas quadras de basquete, em veículos nacionais e também regionais de modo a ampliarmos este debate.

Considerando a importância do tema exposto neste artigo, acreditamos ser crucial a continuidade e o aprofundamento do estudo, identificando novos casos e analisando os problemas cotidianos no exercício da profissão. Cada dia mais mulheres arriscam entrar no mercado de trabalho esportivo, portanto a invisibilidade dos problemas da imprensa esportiva feminina precisa ganhar visibilidade e as discussões precisam ser intensificadas.

## Referências

AMARAL, Luís. Técnica de Jornal e Periódico. 2ed. Rio de Janeiro: **Tempo Brasileiro, 1978**. Disponível em: <<https://joropinativo.files.wordpress.com/2012/05/amaral.pdf>>. Acesso em: 19 Abril, 2018.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero e política no jornalismo brasileiro. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 2, n. 36, p. 24-39, ago. 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4412/3311>. Acesso em: 30 Abril, 2018.

BOCCHINI, Maria Otilia; REIMÃO, Sandra. **Participação da mulher na mídia**. In: [S.l: s.n.], 2006.

---

BORELLI, Viviane. **O esporte como uma construção específica no campo jornalístico**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador/BA, set. 2002. Disponível em:

<<http://evaldomagalhaes.tripod.com/jornalismoesportivo1.pdf>>. Acessado em: 06 Maio, 2018.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1990.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Mulheres jornalistas na imprensa brasileira**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande/MS, set. 2001. Disponível em: <

<http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/Koshiyama%20alice.pdf>>. Acesso em: 04 Maio, 2018.

MOTA, Isis Mendes. **Jornalismo esportivo de saia** – A participação feminina no jornalismo esportivo. Centro Universitário de Brasília – UniCeub. Brasília/DF, Jun. 2013. Disponível em: <

[http://repositorio.uniceub.br/handle/235/4004?mode=full&submit\\_simple=Mostrar+registro+completo+do+item](http://repositorio.uniceub.br/handle/235/4004?mode=full&submit_simple=Mostrar+registro+completo+do+item)> . Acesso em: 30 Abril, 2018.

SANTOS, Tereza Cristina B. **A construção da mulher na mídia**. Mutirão de Comunicação América Latina e Caribe, v. 1, p. 1-12, 2009. Disponível em: <<http://www.pedrinhoguareschi.com.br/documentos/50aconstrucaodamulhernamidia12166.pdf>> . Acesso em: 02 Maio, 2018.

SILVEIRA, Nathalia Ely da. **Jornalismo esportivo: conceitos e práticas**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo. Porto Alegre/RS, nov./dez. 2009.

Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22683/000740013.pdf?sequence=1> . Acessado em: 10 Abril 2018.

SUBTIL, Filipa. **As mulheres jornalistas**. Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa/Portugal, set. 1995. Disponível em: < <http://bocc.ubi.pt/pag/subtil-filipa-mulheres-jornalistas.pdf>

Acesso em: 30 Abril 2018.